

Eric H. Cline, **Biblical Archaeology**. Oxford, Oxford University Press, 2009, 156 pp., ISBN 9780195342635.

Resenhado por Pedro Paulo A. Funari¹

<http://lattes.cnpq.br/4675987454835364>

Eric Cline (1950-) atua nos campos da História Antiga, Arqueologia Clássica e Antropologia, sendo, ainda, diretor das escavações arqueológicas em Megido, a bíblica Armagedon. Sua formação variada e multifacetada está bem representada neste volume, que busca traçar um panorama tanto da trajetória da disciplina, como seus desafios e perspectivas. O volume está dividido em duas grandes partes: a primeira dedicada à evolução da disciplina (capítulo 1 a 6, PP. 11-68) e outra à relação entre a Arqueologia e a Bíblia (capítulos 7-12, PP. 69-129), completadas por um epílogo, pelas referências e sugestões de leitura. Cline é, a um só tempo, um estudioso com muitos livros e artigos científicos, e um divulgador premiado e esta obra mostra bem suas qualidades tanto acadêmicas como narrativas.

As primeiras pesquisas arqueológicas na Terra Santa, no século XIX, foram obra de teólogos, estudiosos da Bíblia e engenheiros. Os primeiros arqueólogos vieram no bojo dos projetos imperialistas e de espionagem, a começar por Flinders Petrie (1853-1942), introdutor dos inovadores conceitos de superposição estratigráfica e seriação tipológica das cerâmicas. Escavações de larga escala, definidas como imperialistas por Cline, sucederam-se, como em Megido (1903-5), pelo austríaco Gottlieb Schumacher. A espionagem esteve presente, ainda, nas atividades de T.E. Lawrence (o Laurêncio das Arábias) e Leonard Wooley, ambos arqueólogos profissionais, que juntaram pesquisas arqueológicas de campo com operações secretas para a Grã-Bretanha.

O período entre guerras (1919-1939) marcou a atuação do professor norte-americano da Universidade John Hopkins, William Foxwell Albright (1891-1971), que formou uma geração de estudiosos e foi considerado o deão da Arqueologia Bíblica. Tornou-se proverbial sua convicção que a Arqueologia poderia provar a

¹ Professor Titular, Departamento de História, IFCH, Unicamp.

correção da Bíblia. Os americanos inseriram-se na região e o diretor da American School de Jerusalém, na década de 1930, o rabino Nelson Glueck, acumulava a função religiosa e arqueológica com a atuação para o serviço secreto americano. Na mesma época, a britânica Kathleen Kenyon (1906-1978) introduziu o método de escavação por quadrículas. A partir de 1948, veracidade bíblica e nacionalismo passam a se relacionar. O grande personagem do período (1948-1967) foi Yigael Yadin, filho de Eliezer Sukenik, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém. Yadin foi chefe do estado maior do exército israelense, ministro e arqueólogo da mesma Universidade do seu pai. Seguiu na trilha de Albright, ao tentar provar a veracidade do relato bíblico pela Arqueologia e adicionou a justificativa arqueológica, segundo Cline, da existência de Israel. Yadin escavou Massada e ajudou a criar uma narrativa nacional e por muitas décadas os conscritos israelenses prestaram juramento no lugar das escavações.

A partir da Guerra dos Seis Dias (1967), os novos influxos trouxeram o processualismo da *New Archaeology*, com sua ênfase nas prospecções arqueológicas. Em 1972, o arqueólogo da Universidade do Arizona William G. Dever, na onda de inovações, propôs a substituição do nome da disciplina, para Arqueologia Sírio-Palestina. A década de 1980 testemunhou a entrada da segunda geração de arqueólogos israelenses, incluindo David Ussishkin e Israel Finkelstein. A partir da década seguinte, o movimento minimalista - que considerava que a Bíblia continha apenas um mínimo de dados comprováveis - ganhou força. A principal e mais duradoura tendência foi a introdução de abordagens antropológicas, com temas como etnicidade, migração, gênero, festividades, entre outros.

Na segunda parte, desfilam-se diversos temas em ordem cronológica, como o dos quatro modelos interpretativos da entrada em Canâa: conquista (Albright), infiltração pacífica (Alt e Noth), revolta camponesa (Mendenhall e Gottwald) e invisibilidade israelita (Finkelstein). Outro bom exemplo da diversidade de modelos interpretativos refere-se a Qumram, que foi interpretado como um monastério, uma fazenda romana, uma olaria ou uma fortaleza. O Jesus histórico serve para que Cline mostre a importância do estudo da cultura material para desmontar a narrativa de alguns filmes. Diversos achados, como o ossuário de Caifás, confirmam aspectos do relato do Novo Testamento, mas Cline dedica todo um

capítulo para desmontar os falsos arqueológicos recentes, como uma inscrição forjada do irmão de Jesus. Cline conclui com uma nota positiva sobre as amplas perspectivas para a disciplina.

O volume tem o grande mérito de introduzir o leitor a um manancial precioso de informações e discussões. Na medida em que a narrativa é histórica, o leitor percebe a conexão íntima entre a disciplina e as circunstâncias históricas, políticas e sociais que conformaram as práticas e posições teóricas. As interpretações são, portanto, relacionadas às relações de poder tanto nos países envolvidos, como entre as grandes potências. Em seguida, Cline não se escusa de emitir opiniões e tomar partido, mas o faz sempre após apresentar argumentos de vários pontos de vista, o que permite ao leitor formar seus próprios juízos. Por último, mas não menos importante, as perspectivas recentes, com sua ênfase na diversidade cultural e na heterogeneidade das sociedades, encontram destaque e valorização. A leitura desta obra contribui, de forma original e criativa, não apenas para um melhor conhecimento da Arqueologia e dos temas bíblicos, *stricto sensu*, como dos aspectos metodológicos e teóricos da pesquisa das sociedades, no presente e no passado.